



## ASSOCIATIVISMO, SOCIABILIDADE E LIBERDADE: SOCIEDADES RECREATIVAS DE NEGROS E NEGRAS NO PÓS-EMANCIPAÇÃO EM MINAS GERAIS<sup>1</sup>

Jonatas Roque Ribeiro<sup>2</sup>

O número de pesquisas que investiga o associativismo negro no nordeste e no centro-sul do Brasil tem crescido significativamente nos últimos anos, porém, Minas Gerais é uma exceção nesta assertiva. É escasso o conhecimento dessas modalidades de agenciamento e sociabilidade entre os negros de Minas Gerais. Destarte, o intento deste artigo é discutir o surgimento de cinco associações recreativas afrodescendentes surgidas nas primeiras décadas do século XX nas cidades de Pouso Alegre, Itajubá, Santa Rita do Sapucaí, Heliódora e Poços de Caldas, todas localizadas na região sul do estado de Minas Gerais.

Em 28 de setembro de 1904 fundou-se em Pouso Alegre o Clube Recreativo 28 de Setembro. Existem poucas informações sobre o funcionamento e a atuação do clube nas duas primeiras décadas de existência do mesmo. O que se sabe é que ele foi fundado por Isidoro da Silva Cobra, Mirabeau Joaquim Ludovico, Geraldo Elias dos Santos e Castorino Ferreira, todos homens negros. O clube localizou-se nos seus primeiros anos em diferentes locais na parte central da cidade. Primeiramente num espaço alugado, localizado na esquina das ruas Afonso Pena e Adalberto Ferraz, numa casa conhecida como “Canto Redondo”, posteriormente nas residências dos membros da diretoria do clube.<sup>3</sup>

Em 1929, o clube adquire um espaço próprio, localizado na Rua Monsenhor José Paulino, número 191, conhecido como Salão Rio Branco. Nesse mesmo ano, o clube registrou seu estatuto junto ao Cartório de Registros da cidade de Pouso Alegre. Possuía os seguintes fins:

“Art. 1º - Proporcionar aos sócios e seus familiares, diversões construtivas através de reuniões sociais, literárias recreativas, artísticas, desportivas, saraus dançantes, audições musicais e conferências;  
*Manter uma biblioteca pública e gabinete de leitura;*

<sup>1</sup> Texto apresentado no 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Curitiba (UFPR), de 13 a 16 de maio de 2015. Anais completos do evento disponíveis em <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/>.

<sup>2</sup> Mestrando em História Social da Cultura pela Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da profª. Dra. Lucilene Reginaldo e financiamento da FAPESP.

<sup>3</sup> Cf. RIBEIRO, Jonatas Roque. *O Clube 28 de Setembro: sociabilidade e resistência da cultura afrodescendente em Pouso Alegre – MG*. 96 f. (Monografia de Licenciatura em História) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2013.



Permitir jogos lícitos;  
Praticar a beneficência sempre que for possível;  
Concorrer tanto que for possível para o progresso social desta cidade;  
Manter, ampliar e desenvolver a sede, proporcionando aos associados todas as diversões próprias de um clube.”<sup>4</sup>

A finalidade de criar bibliotecas, gabinetes de leitura e escolas para seus associados fazia parte do empenho das associações negras de, diante da quase absoluta falta de acesso a educação para os afrodescendentes, criar seus próprios estabelecimentos de ensino.<sup>5</sup> Em seu estatuto fica claro que o clube tinha entre os seus objetivos a instrução de seus associados. Esse ponto também pode ser percebido em uma notícia publicada no *jornal 28 de Setembro*, segundo ela: “por iniciativa de algumas pessoas de nossa associação, estão tratando de criar em nossa terra, um colégio para educação dos filhos dos homens de cor”.<sup>6</sup> Não há notícias sobre a existência de escolas ou aulas funcionando sobre a responsabilidade do clube, mas o mesmo possuiu uma biblioteca, como se pode ver no noticiário do *jornal Acção Operária*: “a biblioteca do Clube 28 de Setembro está recebendo doações de livros. Os interessados em contribuir com a referida biblioteca, deixar as doações na sede do clube”.<sup>7</sup>

O clube cobrava dos sócios efetivos a mensalidade de 2 mil-réis ou anuidade de 24 mil-réis e o pagamento de jóia no valor de 5 mil-réis. Possuía três categorias de sócios: efetivos (contribuintes, remidos e beneméritos), honorários e especiais (sócios temporários e sócios transitórios). De acordo com o estatuto, as categorias de sócios se distribuíam da seguinte forma:

Eram considerados sócios beneméritos “os que fizerem donativos a sociedade, de quantia não inferior a 5 mil-réis, e que tenham prestado relevantes serviços de valor material ou moral, incontestável a juízo da assembléia geral por 2/3 dos votos.” Eram sócios honorários “os que merecem esta distinção pela assembléia geral, igualmente por 2/3 de votos.” Eram considerados sócios especiais temporários “*as moças cujos pais não tenham condições financeiras para ingressar no quadro social, embora possuam as demais exigidas. As mesmas deverão ser apresentadas por 3 sócios e pagarão mensalidade*”. Já os sócios especiais transitórios eram “os militares servindo guarnição local, não residentes na cidade e *os alunos das faculdades existentes em Pouso Alegre*. Os alunos deverão ser apresentados por 3 sócios e pagarão ¼ da jóia e mensalidade.”<sup>8</sup>

Dois pontos chamam a atenção em relação ao quadro de sócios. Primeiro é que não era permitido às mulheres associarem-se diretamente. As mulheres só eram sócias na medida em que

<sup>4</sup> Cartório do Registro Civil das Pessoas Jurídicas de Pouso Alegre, Estatuto do Clube Recreativo 28 de Setembro, 01-07-1929. Grifos meus.

<sup>5</sup> ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: EDUSC, 1998, p. 122.

<sup>6</sup> *Jornal 28 de Setembro*, Pouso Alegre, 22-06-1922, p. 4.

<sup>7</sup> Estas notas foram publicadas em praticamente todas as edições do *jornal Acção Operária* (que circulou entre 1933 e 1935). O texto da nota era sempre o mesmo e se localizava na seção dos classificados.

<sup>8</sup> Cartório do Registro Civil das Pessoas Jurídicas de Pouso Alegre, Estatuto do Clube Recreativo 28 de Setembro, 01-07-1929. Grifos meus.



seus esposos ou pais eram associados. Para as mulheres, só era permitida se associarem na categoria de sócios efetivos, nos casos em que o pai não tinha condições financeiras de se associar ao clube e, ainda assim, elas tornavam-se sócias em condições temporárias. O segundo ponto está relacionado à rede de sociabilidade do clube. O estatuto esclarece que sócios especiais transitórios poderiam ser os alunos universitários, ou seja, uma tentativa de aproximação de uma suposta elite intelectual da cidade, já que naquele momento existia em Pouso Alegre duas instituições de ensino superior, a Escola de Farmácia e Odontologia e a Faculdade de Medicina Veterinária.

Em 1929, o clube possuía 280 sócios, número que cai para 200 em 1934.<sup>9</sup> Após essa data não há mais registros dos números de sócios do clube. Todos os sócios podiam votar e serem votados para os cargos e comissões, desde que se achassem inscritos como sócios há mais de dois anos. O clube também possuía uma comissão de sindicância, que tinha por finalidade “dar parecer sobre a administração da diretoria e admissão de novos sócios,”<sup>10</sup> o que significava averiguar, em caso de dúvida, se o indivíduo apresentado tinha honestidade reconhecida.

Apesar de o estatuto deixar claro que: “compõem-se esta sociedade de número ilimitado de sócios nacionais ou estrangeiros, sem distinção de crenças políticas ou religiosas”<sup>11</sup>, o clube, até o ano de 1933, tinha entre os seus associados apenas homens e mulheres negros. Essa situação mudou em 1933, quando é criada a União Operária Pousoalegrense, associação mutualista e recreativa, fundada por imigrantes portugueses e espanhóis. Na lista de associados do clube 28 de Setembro há significativa presença dos associados da União Operária, quadro semelhante na lista de sócios da União.<sup>12</sup> Isto posto, além de procurar fortalecer os laços de identidade dos negros pousoalegrenses, o clube também se identificava com outras associações de trabalhadores, organizados com a finalidade de auxílio mútuo.

As principais festas do clube eram em homenagem às datas de 13 de maio (comemoração da data da lei que aboliu a escravidão) e 28 de setembro (data da promulgação da Lei do Ventre Livre e da Lei dos Sexagenários). Festejar essas datas era uma das maneiras de afirmação de uma identidade negra no clube, e consistia num aspecto importante das associações voltadas para a

<sup>9</sup> Acervo particular de Icléia Silva Cobra, Atas do Clube Recreativo 28 de Setembro, 11-11-1934.

<sup>10</sup> Cartório do Registro Civil das Pessoas Jurídicas de Pouso Alegre, Estatuto do Clube Recreativo 28 de Setembro, 01-07-1929.

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> RIBEIRO, Jonatas Roque. *O Clube 28 de Setembro: sociabilidade e resistência da cultura afrodescendente em Pouso Alegre – MG*. 96 f. (Monografia de Licenciatura em História) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2013, p. 50.



categoria étnica. Havia ainda, os bailes para eleger a Rainha 28 de Setembro, título dado a mais bela negra da comunidade. Este concurso de beleza teve início em 1930 e durou até fins dos anos 1970.<sup>13</sup>

Em 1935 foi fundado o Bloco de carnaval 28 de Setembro, pertencente ao clube. No ano anterior, o clube fez sua estréia no carnaval de rua de Pouso Alegre. A partir daí, a presença do bloco 28 de Setembro assim como dos bailes carnavalescos realizados pelo clube passaram a ser assíduos no carnaval da cidade. Durante o carnaval, o clube realizava os desfiles do seu bloco carnavalesco assim como os seus bailes em locais variados da cidade, como no salão de festas da sede da União Operária, no Teatro Municipal, no prédio do Iris Cinema e também na avenida Dr. Lisboa, principal espaço público da cidade e tradicional ambiente da elite política e financeira local.<sup>14</sup> Percebe-se, portanto, a mobilidade geográfica do clube, que mudava com frequência, os locais de realização de suas atividades.

O clube também teve duas bandas de música, a Euterpe São Benedito (também conhecida como Lira do Rosário) e a Lira Rio Branco. Em minhas pesquisas sobre as bandas de músicas do clube, pude constatar que a banda Euterpe São Benedito surgiu na década de 1860, junto à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Era a banda oficial da Irmandade formada apenas por músicos negros. A banda Rio Branco surgiu da necessidade do clube ter uma banda de música própria, já que naquele momento, décadas iniciais do século XX, havia em Pouso Alegre além da Euterpe, a banda Lira Pousoalegrense, pertencente ao clube Literário e Recreativo de Pouso Alegre, espaço de congregação da elite rica e branca da cidade. A Lira proibia o acesso de músicos negros na banda e não aceitava fazer apresentações fora do espaço do clube Literário e Recreativo.<sup>15</sup>

O clube ainda teve um jornal, intitulado *28 de Setembro – órgão literário e noticioso dos homens de cor de Pouso Alegre*, que circulou entre os anos de 1922 a 1924. O objetivo neste artigo restringe-se a um apanhado geral do histórico desse jornal e não uma análise detalhada de seus conteúdos. O jornal pertencia e era mantido pela diretoria do clube, seu redator chefe era José Capelache, o diretor era Mirabeau Ludovico e o secretário era Pedro Ângelo de Oliveira, o jornal também tinha um variado número de colaboradores, inclusive mulheres.<sup>16</sup>

---

<sup>13</sup> Idem, p. 80.

<sup>14</sup> Idem, p. 63.

<sup>15</sup> Idem, p. 48-63.

<sup>16</sup> Cf: RIBEIRO, Jonatas Roque. A imprensa negra em Pouso Alegre: o jornal O 28 de Setembro. In: ORLANDI, Eni Puccinelli; FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. *Anais do V Encontro de Estudos da Linguagem e IV Encontro Internacional de Estudos da Linguagem*. Pouso Alegre: UNIVÁS/NUPEL, 2014, p. 334-340.



Sua circulação dava-se entre os sócios e à comunidade negra local. Era publicado trimestralmente e não tinha data específica para a saída. Os conteúdos do jornal visavam, principalmente, a luta contra a discriminação e o preconceito, a conscientização da posição do negro na sociedade brasileira e a valorização da educação e da instrução, além de registrar as atividades culturais e recreativas das associações locais.<sup>17</sup> Em estudo seminal sobre a imprensa negra no estado de São Paulo, Miriam Nicolau Ferrara coloca que a imprensa negra paulista no período de 1915 a 1923 tinha como característica principal o caráter associativo e integrativo:

Estes jornais possuem uma característica comum: publicam versos, notas de aniversário, casamentos, falecimentos, festas religiosas, avisos, anúncios e principalmente mexericos, através dos quais é exercido o controle sobre o grupo. As matérias de conteúdo reivindicatório são em número reduzido; contudo, nesse período começa a formação de uma consciência de grupo que mais tarde irá ganhar força.<sup>18</sup>

As características apontadas por Miriam Ferrara se aplicam nos conteúdos do jornal 28 de Setembro. Muito em detrimento da própria proposta do jornal, que segundo a edição de junho de 1922: “a proposta do nosso jornal é levar aos assistentes do clube e a toda a comunidade as notícias das festividades e eventos da nossa associação, além de textos variados que auxiliarão no engrandecimento moral e cultural dos nossos irmãos”.<sup>19</sup> Ademais, o clube mantinha contato com associações negras do estado de São Paulo, como, por exemplo, o clube 28 de Setembro da cidade de Jundiaí, que por certo, influenciou nas atividades do clube pousoalegrense.<sup>20</sup> A trajetória do clube encerrou-se em 1985, quando, por falta de administração e recursos financeiros, ele fechou as portas, não restando nem mesmo o edifício que o abrigava na parte central da cidade.

Foi através dos noticiários do *jornal 28 de Setembro* que conseguimos algumas notícias sobre a existência de outra associação de negros na região. Não dispomos de mais informações sobre essa associação, no tocante à sua estrutura, organização e linha de atuação. O que a imprensa revela é que a Sociedade 13 de Maio da cidade de Itajubá era um espaço de congregação dos negros da cidade, além de promover festas em homenagem à data de 13 de maio.

Conforme relatou o *jornal 28 de Setembro*: “vindos de Itajubá, recebemos uma honrosa visita da diretoria do Club 13 de Maio composta dos distintos senhores: Dr. João Miguel da Silva,

<sup>17</sup> Idem, p. 336.

<sup>18</sup> FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, 1986, p. 179.

<sup>19</sup> *Jornal 28 de Setembro*, 22-06-1922, p. 1.

<sup>20</sup> RIBEIRO, Jonatas Roque. A imprensa negra em Pouso Alegre: o jornal O 28 de Setembro. In: ORLANDI, Eni Puccinelli; FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. *Anais do V Encontro de Estudos da Linguagem e IV Encontro Internacional de Estudos da Linguagem*. Pouso Alegre: UNIVÁS/NUPEL, 2014, p. 337.



João Tigório Pereira, João José de Abreu, José Camilo, Izaltino Prestes e Damião Beraldo.”<sup>21</sup> Outras poucas notícias sobre visitas de associados do clube 13 de Maio ao clube 28 de Setembro e das festas ali realizadas foram noticiadas pelo jornal. O último registro da imprensa sobre o clube 13 de Maio reporta-se a setembro de 1924. É provável que o clube tenha perdurado, mas nada que permita pensar em longevidade.

Em 10 de janeiro de 1929 foi reorganizado o Club 13 de Maio de Santa Rita do Sapucaí. Em 1936, o clube passou a ser denominado Mimosas Cravinas, em virtude de seu bloco de carnaval de mesmo nome. O clube adotou oficialmente o nome do bloco até 1944, ano em que foi batizado como Associação Santarritense José do Patrocínio, em homenagem ao líder abolicionista e jornalista fluminense. De acordo com o estatuto da associação, a sua finalidade era promover bailes, aulas de artesanato e viagens turísticas a antigas cidades que guardassem relação com a história dos negros.<sup>22</sup> Apesar de ainda manter-se em atividade, a Associação José do Patrocínio se esvaiu do noticiário sul mineiro a partir da década de 1950.

Em 1956 nasceu a Sociedade Civil Clube Operário Heliodoreense na cidade de Heliadora. Fundado por trabalhadores negros e brancos, o clube tinha como função acolher e oferecer aos trabalhadores locais um espaço de convivência e lazer, realizando em sua sede jogos lícitos, palestras e festas.<sup>23</sup> Apesar de não ser uma associação estritamente de negros, o clube Operário Heliodoreense foi e, ainda é, um importante espaço de união e congregação dos negros dessa pequena cidade mineira.

Em Poços de Caldas foi fundado, em 26 de setembro de 1963, o Chico Rei Clube. Com o intuito de “agregar pessoas de cor da cidade e proteger a juventude negra das barbáries da sociedade”, clube agregava entre seus associados às famílias negras da cidade. Segundo as atas de reuniões do clube, o seu nome foi dado em homenagem a Chico Rei, personagem lendário, pacifista, integrador ou contemporizador entre negros e brancos que viveu em Vila Rica (atual cidade de Ouro Preto) no século XVIII.

Segundo as pesquisas da pedagoga Gabriela Camargo Scassiotti, o Chico Rei Clube foi fundado para atender as famílias negras de classe média de Poços de Caldas e de cidades da região.

<sup>21</sup> Jornal 28 de Setembro, Pouso Alegre, 08-06- 1922, p. 2.

<sup>22</sup> SILVA, Jonas Costa. *A rainha operária e sua colméia negra*. Pouso Alegre: UNIVÁS, 2010, p. 55-57.

<sup>23</sup> FERNANDES, Frederico César Gonçalves. *Danças, festas e lembranças: memórias e representações no espaço do Clube Operário Heliodoreense*. 139 f. (Monografia de Licenciatura em História) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2009, p. 71.



Ainda, de acordo com a pesquisadora, no seu auge (década de 1970) o clube chegou a ter o número de duzentos associados. Os bailes e encontros do clube contavam sempre com presenças de pessoas ilustres da cidade, entre elas, algumas brancas. Durante sua trajetória, o clube teve várias alterações em sua diretoria e duas alterações de nome, em 1988 passou a se chamar Centro de Cultura Afro – brasileira Chico Rei e, dez anos mais tarde, Centro Cultural Afro – brasileiro Chico Rei, nome que a instituição tem até os dias atuais.<sup>24</sup>

Como já mencionado, existem poucos estudos sobre a presença do negro na região do sul de Minas, tanto no período da escravidão como no período pós-emancipação. O atual Estado de Minas Gerais, durante o século XVIII, ao lado do Rio de Janeiro e Bahia, foi uma das regiões brasileiras que mais recebeu africanos escravizados. Este fato possivelmente justifica o número significativo de pesquisas sobre o tema e sobre o período. Mariana, Tiradentes, Diamantina, São João Del Rei, Ouro Preto e a região do Rio das Velhas atraíram não somente paulistas e mineiros, mas toda a sorte de gente que para esta região afluiu em busca de riqueza. Nesse contexto socioeconômico, o trabalho escravo nas minas de ouro tem importância fundamental para a manutenção desta sociedade. No âmbito das relações sociais, esse período foi marcado por diferentes formas de exploração, dominação, bem como resistência e negociações por parte dos escravos.<sup>25</sup>

A região do sul de Minas emerge na historiografia mineira, principalmente, como uma região marcada por intensas disputas políticas entre Minas e São Paulo que se arrastaram até o século XIX. No âmbito socioeconômico, a região foi marcada por uma produção alimentícia diversificada responsável por abastecer desde o mercado local até províncias vizinhas como São Paulo e Rio de Janeiro, tanto no período da mineração como nos anos posteriores. Apesar de sua significativa produção, sua importância é relativizada e, por vezes, menosprezada quando comparada à riqueza movimentada pelas regiões auríferas.<sup>26</sup> Contudo, é importante ressaltar que, após a decadência da extração aurífera, continuou havendo na região uma importante produção local, sustentada pelo trabalho dos escravos. Apesar destes dados, observa-se que a produção

---

<sup>24</sup> SCASSIOTTI, Gabriela Camargo. *Chico Rei Clube: contribuição para a história da educação dos negros em Poços de Caldas*. 75 f. (Monografia de Licenciatura em Pedagogia) – Pontifícia Universidade Católica de Poços de Caldas, Poços de Caldas, 2011, p. 36-60.

<sup>25</sup> Cf: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (Orgs.). *História de Minas Gerais: as minas setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica/Companhia do Tempo, 2007, vols. 1 e 2.

<sup>26</sup> Cf: LENHARO, Alcir. *Tropas da moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil (1808-1842)*. São Paulo: Símbolo, 1979.



historiográfica sobre a região pouco abordou a presença do negro escravizado. Quanto aos anos seguintes à abolição, praticamente inexistem pesquisas.<sup>27</sup>

No Brasil o fim da escravidão e as suas reconfigurações sociais tiveram contornos regionais específicos.<sup>28</sup> Atento a esse fenômeno, especificamente na região sudeste, foi possível identificar as particularidades desses contornos. Em várias regiões do estado do Rio de Janeiro houve intenso deslocamento geográfico de negros do interior para a capital e para as novas regiões produtoras de café e em processo de industrialização de São Paulo. São Paulo, por sua vez, recebeu grande número de migrantes (negros brasileiros) e imigrantes (brancos estrangeiros). No caso de Minas, especialmente na região do sul do estado, havia relevante assentamento da população negra tanto na área rural como na urbana e foi justamente essa população negra que continuou como mão de obra nas lavouras de café expandidas e criadas ao longo do século XX e nas fábricas surgidas nas cidades nos anos seguintes.<sup>29</sup>

Boa parte dos estudos da historiografia do pós – abolição tem como referência ou molde, o caso do estado e da cidade de São Paulo.<sup>30</sup> O abrupto crescimento, tanto da lavoura cafeeira paulista quanto da cidade de São Paulo, após a abolição do trabalho escravo, demograficamente embasado na imigração subvencionada ocasionou um processo peculiar de inserção social e econômica do negro em São Paulo. Entretanto, o caso paulista não pode ser considerado padrão para a compreensão da inserção social do liberto após a emancipação.

A região do sul do estado de Minas, onde o processo de reorganização social e econômico dos libertos foi diferente do ocorrido em São Paulo, não deve ser lida como exceção, mas como

<sup>27</sup> Dentre as recentes pesquisas que abordam a presença do negro no sul de Minas no período da escravidão, destaco os seguintes trabalhos: RODRIGUES, João Lucas. *Serra dos Pretos: trajetórias de famílias entre o cativo e a liberdade no Sul de Minas (1811-1960)*. 231 f. (Dissertação de Mestrado em História) – Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2013. CORREIA, Daniel Camurça. *Memória e resistência na construção das famílias escravas no sul de Minas Gerais (1810-1888)*. 213 f. (Tese de Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. DELFINO, Leonara Lacerda. *A família negra na freguesia de São Bom Jesus dos Mártires: incursões em uma demografia de escravidão no sul de Minas (1810-1873)*. 267 f. (Dissertação de Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010. PEREIRA, Viviane Tamires. *Memórias, vestígios e trajetórias que compõem as experiências de famílias escravas em Conceição dos Ouros, sul de Minas Gerais*. 90 f. (Monografia de Licenciatura em História) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2013.

<sup>28</sup> RIOS, Ana Maria; MATTOS, Hebe Maria. O pós - abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. *TOPOI*, Rio de Janeiro, v.5, n°8, p.170-198, jan-jun. 2004. Disponível em: [http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/Topoi08/topoi8a5.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi08/topoi8a5.pdf). Acesso em 12-02-2015.

<sup>29</sup> Cf. CASTILHO, Fábio Almeida. *A transição da mão de obra no sul de Minas: o braço imigrante e nacional nos periódicos locais*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011; e COSENTINO, Daniel do Val. *Um múltiplo de transições: a transição do trabalho escravo para o trabalho livre em Minas Gerais*. 195 f. (Dissertação de Mestrado em História Econômica) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

<sup>30</sup> Cf. RIOS, Ana Maria; MATTOS, Hebe Maria. Op. cit.



expressão da diversidade de um processo histórico complexo. Daniel do Val Cosentino<sup>31</sup> afirma que, antes da abolição, uma das preocupações centrais de grande parte dos senhores era a possibilidade dos escravos deixarem as fazendas nos quais foram cativos e, assim, perderem a sua mão de obra. Dentre as estratégias senhoriais para evitar este abandono estava a de procurar ligá-los a si e às fazendas por laços de gratidão, antecipando-se à abolição e concedendo alforrias em massa. A possibilidade de despertar-lhes a gratidão ligava-se ao entendimento senhorial de que os escravos deveriam receber a liberdade de suas mãos, e não do estado, e percebê-la como uma dádiva senhorial.

Hebe Maria Mattos<sup>32</sup> afirma que essa era uma estratégia duvidosa, contudo, Cosentino considera que a mesma surtiu efeito positivo em várias regiões do sul de Minas. Ele nos apresenta um quadro de intensa participação do escravo e, posteriormente, do liberto, no mercado de trabalho rural e urbano. Outros estudos corroboram com assertiva de Cosentino, ao reconhecerem uma considerável acessibilidade do escravo e, depois do liberto, ao mercado de trabalho sul mineiro, contrapondo-se às regiões centrais e a Zona da Mata, onde o imigrante teve privilégios e participação predominante.<sup>33</sup>

Contudo, a inserção ou manutenção dos libertos no mercado de trabalho não significou a plena aceitação social dos mesmos. Os ex-escravos livres do cativeiro, mas não desprendidos do preconceito e das práticas de opressão e exclusão social, foram alvos das políticas e ideias de racialização que ganharam corpo no final do período escravista, e por isso excluídos para além das fronteiras dos mundos do trabalho.

De fato, a historiografia sul mineira, precisa recuperar a historicidade dos diferentes processos de desestruturação da ordem escravista e seus desdobramentos, seja no que se refere às relações de trabalho, às condições de acesso aos novos direitos civis e políticos para a população afrodescendente, de forma a conseguir historicizar também as formas de racialização das novas relações econômicas, políticas e sociais. Estudar com afinco o associativismo negro no sul de Minas pode ser a um meio garantido neste sentido. Os estudos ora mencionados são felizes nessa direção,

---

<sup>31</sup> COSENTINO, Daniel do Val. Op. cit.

<sup>32</sup> Cf: MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: significados da liberdade no sudeste escravista*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995 / Nova fronteira, 1998.

<sup>33</sup> Cf. CASTILHO, Fábio Almeida. Op. cit. e SAES, Alexandre Macchione; MARTINS, Marcos Lobato (Orgs.). *Sul de Minas em transição: a formação do capitalismo na passagem para o século 20*. Bauru: EDUSC, 2012.



pois, começamos a nos aproximar de uma história que dê conta das múltiplas facetas da presença e trajetória do negro no sul de Minas Gerais.

### *Fontes*

- Jornal 28 de Setembro, 1922 (Museu Histórico Municipal Tuany Toledo – Pouso Alegre).
- Atas do Clube Recreativo 28 de Setembro, 1934 (Acervo particular de Icléia Silva Cobra).
- Estatuto do Clube Recreativo 28 de Setembro, 1929 (Cartório do Registro Civil das Pessoas Jurídicas de Pouso Alegre).

### *Bibliografia*

- ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: EDUSC, 1998.
- CASTILHO, Fábio Almeida. *A transição da mão de obra no sul de Minas: o braço imigrante e nacional nos periódicos locais*. Jundiá: Paco Editorial, 2011.
- CORREIA, Daniel Camurça. *Memória e resistência na construção das famílias escravas no sul de Minas Gerais (1810-1888)*. 213 f. (Tese de Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- COSENTINO, Daniel do Val. *Um múltiplo de transições: a transição do trabalho escravo para o trabalho livre em Minas Gerais*. 195 f. (Dissertação de Mestrado em História Econômica) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- DELFINO, Leonara Lacerda. *A família negra na freguesia de São Bom Jesus dos Mártires: incursões em uma demografia de escravidão no sul de Minas (1810-1873)*. 267 f. (Dissertação de Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
- FERNANDES, Frederico César Gonçalves. *Danças, festas e lembranças: memórias e representações no espaço do Clube Operário Heliodoreense*. 139 f. (Monografia de Licenciatura em História) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2009.
- FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, 1986.
- LENHARO, Alcir. *Tropas da moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil (1808-1842)*. São Paulo: Símbolo, 1979.
- MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: significados da liberdade no sudeste escravista*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995 / Nova fronteira, 1998.



PEREIRA, Viviane Tamires. *Memórias, vestígios e trajetórias que compõem as experiências de famílias escravas em Conceição dos Ouros, sul de Minas Gerais*. 90 f. (Monografia de Licenciatura em História) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2013.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (Orgs.). *História de Minas Gerais: as minas setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica/Companhia do Tempo, 2007, vols. 1 e 2.

RIBEIRO, Jonatas Roque. A imprensa negra em Pouso Alegre: o jornal O 28 de Setembro. In: ORLANDI, Eni Puccinelli; FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. *Anais do V Encontro de Estudos da Linguagem e IV Encontro Internacional de Estudos da Linguagem*. Pouso Alegre: UNIVÁS/NUPEL, 2014.

\_\_\_\_\_. *O Clube 28 de Setembro: sociabilidade e resistência da cultura afrodescendente em Pouso Alegre – MG*. 96 f. (Monografia de Licenciatura em História) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2013.

RIOS, Ana Maria; MATTOS, Hebe Maria. O pós - abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. *TOPOI*, Rio de Janeiro, v.5, n°8, p.170-198, jan-jun. 2004. Disponível em: [http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/Topoi08/topoi8a5.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi08/topoi8a5.pdf). Acesso em 12-02-2015.

RODRIGUES, João Lucas. *Serra dos Pretos: trajetórias de famílias entre o cativo e a liberdade no Sul de Minas (1811-1960)*. 231 f. (Dissertação de Mestrado em História) – Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2013.

SAES, Alexandre Macchione; MARTINS, Marcos Lobato (Orgs.). *Sul de Minas em transição: a formação do capitalismo na passagem para o século 20*. Bauru: EDUSC, 2012.

SCASSIOTTI, Gabriela Camargo. *Chico Rei Clube: contribuição para a história da educação dos negros em Poços de Caldas*. 75 f. (Monografia de Licenciatura em Pedagogia) – Pontifícia Universidade Católica de Poços de Caldas, Poços de Caldas, 2011.

SILVA, Jonas Costa. *A rainha operária e sua colméia negra*. Pouso Alegre: UNIVÁS, 2010.